
O ^{PAÍS} QUE PERTURBA O PAPA

David Lehmann

Na Nicarágua a luta de classes continua — mas onde? Evidentemente, e num sentido importante, continua nos confrontos militares com as forças contra-revolucionárias e hondurenhas, treinadas e financiadas pelo governo dos EUA. Mas o que está acontecendo no *front* interno? No campo, persiste um amplo e dominante setor capitalista agrícola, mas não há muito conflito: o governo negocia com os agricultores os salários que paga e os preços dos produtos; os trabalhadores, por sua vez, parecem pouco motivados para ações de ruptura. Nas cidades, a maior parte da indústria está nas mãos do Estado e aí também ouve-se falar pouco de conflitos nas fábricas. Em suma, o Estado conquistou uma posição de controle indireto mas razoavelmente firme sobre as condições de produção e sobre o próprio processo produtivo, neutralizando assim a confrontação direta entre classes.

Entretanto, mesmo no *front* interno, a revolução está longe de se consolidar, e sua trajetória futura está em aberto.

Continuam, portanto, os conflitos ideológicos e de interesses de classe. E continuam no lugar mais inesperado; nas estruturas da Igreja Católica. É aí que se luta pelo destino da revolução, e é aí — como também nos campos de batalha no norte do país — que se decidirá, provavelmente, a sua sorte. Alguns até diriam, não sem razão, que esta é uma luta pela alma não só da Nicarágua, mas da América Central inteira, ou até da América Latina; outros diriam, conforme palavras de um jesuíta muito viajado e com mais de vinte anos de experiência na região, que se "esta Igreja" vencer — e ele se referia à Igreja Popular da Nicarágua — toda a estrutura do Vaticano ruirá. Ainda haveria um Papa, sem dúvida, mas ele (ou ela?) teria funções apenas administrativas. A Santa Sé, ao invés de ser a sede da infalibilidade, seria transformada num escritório central de informações e comunicações, numa agência de correios, num sistema impotente de apoio técnico.

Trata-se de uma previsão arrasadora. Reverteria e transcenderia toda a história

institucional da Igreja desde Constantino, segundo meu amigo jesuíta: a volta à inocência, ao martírio e ao compromisso total da Igreja primitiva, tal como é vista pelos teólogos da libertação. Para João Paulo II, e mais ainda para o aguerrido Arcebispo de Manágua, a perspectiva é mais do que apavorante: é o fim do mundo. Para uma minoria abastada e falante de nicaraguenses, significa certamente o fim do *seu* mundo. Assim, a Nicarágua está no vórtice de duas lutas importantes: a luta pelo futuro do país e a luta pelo futuro da Igreja Católica; as duas, inextricavelmente entrelaçadas. Houve quem não apostasse nesse resultado. O Arcebispo de Manágua, Dom Miguel Obando Bravo, foi um adversário feroz de Somoza, e se pronunciou favorável à Revolução quando esta finalmente ocorreu a 19 de julho de 1979. A partir de então, porém, suas dúvidas cresceram, em particular e em público. Atingiram o clímax em junho de 1981, quando apelou aos padres que ocupam altos cargos no aparelho estatal e no partido governista que se demitissem, tendo consciência de que um apelo desses equivalia a uma declaração de guerra.

O que fez com que um dos mais ousados críticos de Somoza (evidentemente, um dos poucos que podiam pronunciar-se naquela época) se tornasse líder da oposição interna à revolução sandinista? A resposta mais comum é que o Arcebispo se identificou com aqueles setores da oligarquia nicaraguense excluídos do poder por Somoza. O governo de Somoza não foi simplesmente uma ditadura, e sim um Estado administrado como negócio particular da dinastia e sua máfia, que utilizaram o poder para excluir a outros do motim. Isto ficou particularmente evidente após o terremoto de 1972, que destruiu a maior parte da antiga capital, criando oportunidades fabulosas de enriquecimento através da reconstrução: Somoza instalou uma fábrica de paralelepípedos e ficou com todas as encomendas para pavimentação das novas vias; reconstruiu a cidade na forma de uma rede bem espalhada de modo a alongar as ruas, maximizando assim o valor futuro das áreas vazias que ele estava comprando entre os bairros já construídos. Para proteger esse tipo de negócio, a dinastia teve que encontrar sócios e clientes, campanhas e testas-de-ferro, e a ganância pessoal transformou-se num sistema de go-

verno com dinâmica própria. Tanto a oligarquia tradicional, pecuarista e cafeeicultora, como a nova burguesia que florescera independentemente do aparelho somozista no *boom* do algodão dos anos 60, sentiam-se excluídas e, ocasionalmente, ameaçadas — ameaça que atingiu o pico em 1977 com o assassinato de Pedro Joaquín Chamorro, editor do único jornal de oposição (moderada), que se tornara uma fonte de irritação cada vez maior para o aparato somozista. Chamorro pertencia à família oligárquica de maior prestígio do país, e sua morte selou o fim do regime, posto que uniu na oposição todas as classes e setores. Mas o que transformou em revolução esse movimento pela unidade foi a expansão da base popular dos sandinistas e sua combinação irresistível de nacionalismo e luta de classes, jamais vista na América Latina a não ser em Cuba. A coalizão tão cuidadosamente construída nos dois anos que antecederam a derrubada de Somoza começou a desmoronar assim que o novo governo, dominado pelos sandinistas, iniciou um programa de mudanças políticas e econômicas que ia muito além da mera substituição de um regime político. Não foi, portanto, o Arcebispo que mudou de posição ou de lealdades: foi a correlação de forças no interior da aliança revolucionária que se virou contra ele, ou talvez só então ele tenha percebido isso, porquanto os sandinistas sempre estiveram em posição dominante.

Se este fosse um mero conflito entre uma hierarquia conservadora e um governo revolucionário, não ofereceria maior interesse. A realidade nunca é tão simples assim. Ou não sabemos que a Igreja na Polônia, apesar de toda sua oposição ao comunismo, sempre foi um dos baluartes da estabilidade política e social, mesmo (ou talvez especialmente) após o surgimento do Solidariedade? Na Nicarágua, porém, algo muito mais sério está em jogo no que concerne à Igreja, por causa da luta entre a Igreja Popular e a hierarquia; deve ser por isso que o Arcebispo, até o Papa, não tentaram lançar pontes ou encontrar um *modus vivendi* com os que detêm o poder, como costumam fazer.

Durante os últimos quinze a vinte anos, constituiu-se na América Central uma rede de padres inteiramente dedicados ao objetivo de ajudar os pobres a se organizarem e transformarem a sociedade. A

teologia que adotam é a Teologia da Libertação, e sua vocação é a opção pelos pobres, com uma forte conotação de que isto é incompatível com uma "opção pelos ricos", e de que é impossível, ou até indesejável, optar por ambos ao mesmo tempo. Optar por ambos, dizem eles, seria comportar-se como o Papa, que clama pela "paz" em geral sem especificar quem é responsável pela guerra e a quem beneficiaria a paz. Esse grupo, em que os jesuítas têm um papel ideológico e organizativo desproporcional ao número reduzido de indivíduos envolvidos, faz parte de uma rede mais ampla que atua em toda a América Latina, especialmente no Brasil. Mas é na América Central que adquiriu a maior e mais direta influência política, e uma sólida plataforma para as suas idéias e aspirações. Lembro-me da visita que fiz à paróquia de Aguilares em El Salvador em 1979, onde um jesuíta, Jon Cortina, contou como haviam construído uma organização de camponeses e falou das ameaças que recebiam. Uma freira e o jesuíta Rutilio Grande tinham sido assassinados. Essa organização camponesa (*Unión Comunal*) tornou-se, segundo consta, o catalisador que transformou os isolados e divididos guerrilheiros de El Salvador num movimento revolucionário com base popular. Outro jesuíta contou-me que Aguilares é a maior realização da Companhia de Jesus na América Central. Na Nicarágua, pode-se ler de como um pequeno grupo de padres passou da oposição privada a Somoza ao envolvimento público no partido revolucionário, a Frente Sandinista de Libertação Nacional. O Padre Uriel Molina (de quem falaremos a seguir) relata ' como a partir de 1965 quando se tornou ao mesmo tempo vigário de um bairro operário de Manágua e professor de Teologia Bíblica na Universidade Católica, foi se envolvendo gradualmente na política revolucionária. O Concílio Vaticano II teve sua seqüência latino-americana (a Conferência Episcopal de Medellín, na Colômbia, em 1968) que denunciou a violência estrutural no mesmo plano que a violência puramente física, legitimando assim a luta contra a pobreza e a desigualdade. Desde então, as Comunidades de Base espalharam-se pela América Latina como um incêndio na mata, e especialmente pelo Brasil. No caso de Molina (a exemplo de outros de que ouvi falar), a sua comunidade começou a se pôr questões políticas, e mesmo partir para ações concretas, por exemplo, furando os pneus

de leiteiros fura-greves. Ernesto Cardenal, um dos maiores poetas atuais de língua espanhola e Ministro da Cultura da Nicarágua, passou dois anos estudando o trapismo com Thomas Merton. Abandonou esse caminho para criar uma comunidade numa ilha no grande Lago da Nicarágua, onde escreveu alguns dos seus melhores e mais profundamente revolucionários poemas, os *Salmos*:

Salmo I

Bem-aventurado o homem que não segue consignas do Partido nem assiste a seus comícios nem se senta à mesa dos gangsters nem com os Generais no Conselho de Guerra

Bem-aventurado o homem que não espia o seu irmão nem delata o seu companheiro de colégio

Bem-aventurado o homem que não lê anúncios comerciais

nem escuta os seus rádios

nem acredita nos seus slogans

Será como uma árvore plantada junto a uma fonte.²

Os *Salmos* são poemas de extraordinária força. A linguagem direta e contundente de seus apelos políticos, construídos no ritmo familiar dos salmos de David, nada tem de panfletário ou banal.

Acontece que Cardenal acabou sendo psicológica, religiosa e até fisicamente obrigado a abandonar seu protesto contemplativo e artístico, para juntar-se às fileiras da Frente Sandinista. Em 1976 compareceu como porta-voz da Frente perante o Tribunal Russell; nessa época, vários jovens membros de sua comunidade de Solentiname já haviam entrado na luta armada. Pouco tempo depois, a Guarda Nacional somozista devastava a comunidade.

Como Ministro da Cultura, Cardenal foi um dos padres³ em posições de importância política no governo a quem o Papa e o Arcebispo intimaram em junho de 1981 a que abandonassem seus cargos, menos de dois anos depois da revolução. Ainda estão todos em seus postos, em virtude de um acordo precário negociado com o Arcebispo dependendo da definição de quando deverá terminar a atual emergência, tornando os seus serviços dispensáveis. Esta questão, claro, é puramente formal; o verdadeiro motivo de permanecerem no governo é o seu en-

¹ Ver seu discurso no Encontro Teológico Latino-americano, realizado em Manágua em 1980, onde os Teólogos da Libertação debateram e elogiaram a Revolução Nicaraguense: *Apuntes para una Teología Nicaraguense*, Manágua, Centro Antonio Valdivieso e Instituto Histórico Centroamericano; e San José, Costa Rica, Departamento Ecumênico de Investigaciones, 1981. Vale a pena mencionar os nomes das instituições que editam esse livro, porque são vistas pelo Arcebispo de Manágua como centros ativos — financiados com apoio do exterior — de propaganda das doutrinas "errôneas" da Igreja Popular. É verdade que são ativas e que mantêm centros bem organizados de documentação; mas desconfio que empregam quase somente voluntários, muitos dos quais, como muitos dos próprios padres, são europeus. O Instituto Histórico também editou uma coletânea de artigos xerografados a partir da imprensa local, *La Iglesia Católica y la Revolución Popular Sandinista*, uma fonte inestimável de informações; e as atas do seminário, *Fe Cristana y Revolución Sandinista en Nicaragua*, realizado em 1979, dois meses após a revolução — trata-se do terceiro volume da série *Apuntes para el Estudio de la Realidad Nacional*.

² Tradução de Thiago de Melo.

³ Os outros padres mais destacados no governo são: Miguel d'Escoto, Ministro de Relações Exteriores, que é um padre da congregação de Maryknoll; e o irmão de Cardenal, Fernando, um jesuíta que organizou a campanha de alfabetização massiva e está agora à frente do movimento juvenil da Frente Sandinista — tarefa extremamente importante e de grande sensibilidade política. Para entrevistas com todos os três, vide CABESTRERO, T. *Ministros de Dios, Ministros del Pueblo*, Bilbao, Desclee de Brouwer, 1983.

gajamento na causa sandinista e na Igreja Popular. Renunciar sob pressão proveniente da hierarquia em qualquer dos seus níveis, mesmo o mais alto, equivaleria para eles à deserção em ambos os *fronts*. Muitos outros estão envolvidos, embora ocupando cargos menos destacados, e fala-se que o Arcebispo lhes retirará a licença de celebrar missa.

A outra questão específica sobre a qual o Arcebispo resolveu tomar posição formalmente é a dos índios mesquito, um assunto deveras constrangedor para os sandinistas. Esses índios vivem na floresta úmida tropical do lado atlântico do país, onde a penetração dos aparelhos estatais é nova e precária. Uma facção está ativamente apoiando a atividade militar contra-revolucionária, liderada por um biólogo chamado Stedman Fagoth. O ponto de vista dos sandinistas é o de que as reivindicações étnicas dos índios são legítimas mas estão sendo incentivadas e exploradas pela CIA, com o objetivo de mobilizá-los contra o governo, e que por isso nenhuma concessão iria satisfazê-los. Quanto ao Arcebispo, que deixou passar inúmeras oportunidades de denunciar as intervenções armadas do exterior e as formas muitas vezes chocantes assumidas pela violência contra-revolucionária, resolveu não obstante expressar oficialmente sua preocupação com a remoção para outras terras de grande número de índios mesquito, efetuada pelo governo (possivelmente mal-aconselhado, mas os fatos permanecem obscuros). A questão é: por que o Arcebispo decidiu intervir neste assunto e não em qualquer outro?

Mas o que mais chama a atenção é a politização de todos os assuntos internos da Igreja, mesmo os mais triviais. Um camponês afirma que teve uma visão da Virgem: imediatamente a imprensa sandinista acusa a hierarquia de explorar o evento politicamente (a Virgem veio para salvar o povo ou para alertá-lo contra o sandinismo e o ateísmo...?). Alguns gangsters "espíritos de porco" aparecem com uma "Virgem que transpira": seguem-se visitas solenes e declarações pomposas (mas extremamente cautelosas) por parte da hierarquia, enquanto a imprensa pró-governo descobre tratar-se de uma estátua de gesso encharcada de água, e que transpirara após ficar num congelador por algumas horas! E mais: descobre-se que os piadistas, que ganharam

muito dinheiro na venda de pedaços de pano de algodão umedecidos no suor da Virgem, têm antecedentes mafiosos, e até ligações com a própria Guarda Nacional! * O incidente mais extraordinário envolveu o secretário de imprensa do Arcebispo, que é padre, e apareceu numa fotografia de jornal. Seria entendido entrar em detalhes sobre o escândalo; o essencial é que somente na Nicarágua um acontecimento dessa natureza poderia ser promovido de fofoca a evento político "quente".

Esses exemplos mostram a que ponto os jornais rivais são instrumentos cruciais na competição entre os sandinistas e a oposição, pela iniciativa ideológica, na medida em que pretendem dar a questões e eventos puramente religiosos interpretações opostas.

A imprensa é censurada, e por isso o jornal de oposição, *La Prensa*, não publica quase nada sobre os acontecimentos políticos do país; limita-se a reportagens sobre "Anistia na Guatemala", ou "Socialistas Franceses Perdem Eleição", e coisas do gênero. Mas a religião continua a ser uma das poucas áreas em que os porta-vozes rivais podem confrontar-se diretamente.

As manifestações mais materiais do conflito de classes dentro da Igreja são as tentativas da hierarquia — muitas vezes bem-sucedidas — de remover os padres e freiras revolucionários de suas posições e do país. Em vários casos, o Arcebispo enfrentou os protestos dos leigos juntamente com os dos padres a serem removidos, e num caso isso levou à ocupação de uma igreja e à excomunhão dos ocupantes. Em outro caso, o único seminário do país perdeu a maior parte de seus quadros mexicanos, que se demitiram porque, segundo diziam, estavam sendo pressionados a levar os jovens padres a virarem as costas para as condições reais em que vivem ao invés de encararem a realidade. De acordo com o Reitor demissionário do Seminário, os padres deveriam vir das bases, de dentro das fileiras do povo; deveriam provir dos segmentos mais pobres do povo, para que pudessem adequadamente cumprir o papel de guias. Essa palavra — "o povo" — aparece com grande frequência nessas declarações e textos, mas, enquanto para a hierarquia "povo" significa todos os católicos, para a Igreja Popular significa os pobres e oprimidos, e exclui os ricos.

⁴ É importante frisar que os milagres têm um aspecto muito mais cotidiano entre os católicos desta parte do mundo do que na Europa, presumivelmente. Ouvi uma senhora, que saía da missa de Sexta-Feira Santa rezada pelo Arcebispo, comentar com tristeza o Cristo policromático e super-realista que havia presidido a cerimônia — um Cristo idêntico a milhares de outros encontrados em inúmeras igrejas: "Este ano Ele não sangrou", disse ela, embora sem sinal de desilusão apocalíptica. Se tivesse sangrado, eles teriam evidentemente festejado o fato, pois teria sido logo interpretado como um sangramento pelo destino da Nicarágua...

Essas estórias certamente causam espanto a um forasteiro. Não por causa dos conflitos doutrinários dentro da Igreja, pois na América Latina e em outras partes esses conflitos são travados furiosamente há pelo menos vinte anos entre os Teólogos da Libertação e seus colegas menos arrojados. Nem por causa da desconfiança declarada da hierarquia em relação à política revolucionária. As estórias são surpreendentes, paradoxalmente, por causa do seu provincianismo, ou seja, por causa da superestima dos símbolos do "centro", da "metrópole" (isto é, Roma), e por causa da relação direta que se estabelece entre os símbolos locais (isto é, provincianos) e os do centro. Os padres recalcrantes acreditam estar engajados não apenas numa luta local contra o *Monsenor*, mas também numa batalha épica contra todo o aparelho hierárquico e episcopal da Igreja; quanto ao Arcebispo, a recíproca é verdadeira. Mas apenas por serem provincianos estariam enganados nessas avaliações?

O Papa João Paulo II compro vadamente pensa que não. Sua viagem pela América Central foi a de um Chefe de Polícia enfurecido (e possivelmente mal aconselhado) que vinha pôr ordem à ralé insubordinada e a seus próprios soldados mal disciplinados. Não assisti à visita papal pessoalmente mas tantas pessoas relataram-me suas experiências que me sinto como se estivesse testemunhando cada instante. A praça onde o Papa celebrou missa tem dois imensos *outdoors*. Um deles está atrás do local onde foi colocado o altar; mostra uma longa série de retratos de heróis da Revolução, todos mortos menos um: os "loucos" dos anos 60, que foram outrora alvo de muitos comentários desdenhosos. Do lado oposto ao local onde o Papa ficou, um cartaz ainda mais ofensivo a ele anunciava assim a felicidade da ocasião: "Graças a Deus e à Revolução" — justaposição que Sua Santidade deve ter apreciado sobremaneira! Mas para que não se pense que se tratava de um complô sandinista, é bom lembrar que esses detalhes simbólicos e rituais foram negociados e acordados antes da visita papal por uma comissão bipartite composta de representantes da hierarquia e do governo. O governo e seus simpatizantes queriam desesperadamente conseguir do Papa algu-

ma declaração a favor da Revolução, mesmo que fosse apenas pelas suas realizações palpáveis, como a maciça redução da taxa de analfabetismo, a Reforma Agrária ou as melhorias do sistema de saúde: nada conseguiram. Achavam que mereciam alguma declaração, ainda que moderada e implícita, condenando os Estados Unidos pelo apoio às incursões contra-revolucionárias: nem uma palavra. Finalmente, esperava-se que o Papa rezasse pelos dezessete meninos massacrados num povoado de fronteira pouco antes de sua chegada, e lá estavam diante dele as mães das vítimas no meio da multidão, implorando-lhe que fizesse alguma coisa: o Papa não abriu a boca. Seus discursos falavam da beleza dos lagos e vulcões da Nicarágua, da necessidade da paz, e dos méritos do *Monsenor*, o único mencionado nominalmente, mas nada sobre a luta do povo contra Somoza, sobre os 50 mil mortos naquela luta, e sobre os que continuam a arriscar suas vidas na defesa da pátria.

Não por acaso, o tema escolhido para Manágua foi o da autoridade episcopal, e da ilegitimidade de qualquer "Igreja alternativa", "nova" ou "não-tradicional", ou "como foi recentemente chamada, Igreja Popular. . ." e "concebida exclusivamente em termos carismáticos e não-institucionais". O sol batia forte na praça e na frente da multidão de 750 mil pessoas estavam agrupados os fiéis sandinistas, organizados e instruídos para manterem a calma. Mas não conseguiram. Parece que queriam desesperadamente que o Papa abençoasse de alguma forma a missão ideológica e militar sandinista, e tudo o que aquele velho fazia era falar do princípio de autoridade, de *sua* autoridade. Lá estavam as dezessete mães, sem dúvida muito emocionadas com a expectativa de receberem a bênção papal; mas foram ficando cada vez mais desapontadas à medida que a homilia avançava e o Papa permanecia ligeiramente preso ao texto preparado. A situação fugia ao controle: os pedidos que subiam da praça iam-se tornando súplicas, em seguida insistentes demandas, e o Papa abandonou o texto apenas para tentar chamar a multidão à ordem, gritando; "Silêncio!" Sem muito êxito. Somente na Nicarágua é que o embaraço ritual e o nervosismo que

normalmente caracterizariam esse tipo de situação puderam ceder lugar a manifestações diretas de protesto, que obrigaram o Chefe da Igreja Universal a aderir ao provincianismo reinante e envolver-se no rolo armado, levantando a voz como se fosse um mestre-escola ofendido. Pode-se dizer que não fica bem para o Papa ter que obrigar as pessoas a ouvi-lo; é uma figura simbólica e deveria permanecer impassível perante aquilo que o cerca. Uma vez rompida a carapaça do ritual, como ocorreu quando o Papa exigiu que a multidão ficasse em silêncio, ele se rebaixou. Mas não teria ele admitido com isso que aquele alvoroço não era uma simples briga provinciana, mas sim que tinha uma importância muito mais universal do que poderia parecer?

Da composição da multidão, posso dizer muito pouco. Um membro da Frente num pequeno povoado a uns 100 quilômetros de Manágua contou-me que tinha ido não pelo Papa ("É apenas um homem, como eu e você."), mas porque lhe pediram Ou mandaram que fosse. Outros reclamaram de que, a menos que fossem em transportes controlados pelo governo, não teriam permissão de ir, mas se houvesse permissão para uso de transporte particular, teria sido o caos e um engarrafamento monstruoso! Seja como for, o relato mais bem delineado que ouvi descrevia as pessoas como inicialmente esperançosas, depois progressivamente decepcionadas, e finalmente entediadas, até que o Papa, no seu discurso pronunciado em espanhol correto, mas cacofônico devido ao sotaque polonês, chegasse à passagem que mencionava com desdém a *Igreja Popular*: e a multidão, ao ouvir a palavra "popular", que aparece em tantos dos seus slogans, rompeu em gritos de "Poder popular! Poder popular!", como se agarrasse a palavra para encaixá-la na sua própria consciência, para apropriar-se do seu significado. O comportamento regressivo dos dirigentes políticos que do palanque aderiram à grita geral como se estivessem revivendo seus dias de estudantes, dificilmente pode ter sido programado.

Consta que após a missa na praça, o Papa estava tão furioso que se dirigiu diretamente ao carro e foi para o aeroporto, onde pretendia levantar vôo sem maiores formalidades. Mas um pequeno funcionário do governo no aeroporto impediu-o de embarcar até que tivesse chegado a delegação oficial, que corria ao seu encalço num micro-ônibus, inclusive

Daniel Ortega, o Chefe de Estado, que havia reescrito às pressas seu discurso de despedida. Nada disso deve ter apaziguado o Santo Padre, àquela altura já evidentemente enfurecido.

Permaneceu, porém, uma dúvida intrigante: quem sabe a turba revoltada que havia abalado a confiança do Papa não contivesse os verdadeiros militantes católicos de base. Como os piedosos leigos — ou pelo menos aqueles que simpatizavam com a causa revolucionária — lidaram com essa ruptura aberta entre a "sua" revolução e o "seu" Santo Padre? Afinal, foram educados para respeitar a Igreja e suas instituições, e devem ter ficado surpresos ao ver um Papa exibir traços tão humanos — um homem parcial, comprometido, vulnerável, e até mesmo temperamental.

Na Sexta-feira Santa, fui assistir à missa rezada pelo Padre Uriel Molina, já mencionado, na sua paróquia em Barrio Rigueiro. Devo dizer que esta é a mais notória das paróquias da "Igreja Popular", e que Molina, como muitos dos seus companheiros de armas, gosta de ganhar publicidade para si e para sua causa. Mesmo assim, além de mim e do meu colega uruguaio, aparentemente havia apenas três ou quatro forasteiros na celebração, e eles pareciam ainda mais perplexos do que nós iríamos ficar.

A missa estava programada para começar às três horas. A igreja era uma estrutura nova, octogonal, com um piso de pedra e um telhado apoiado em vigas de aço aparente: simples, mas não feia. As paredes estavam decoradas com pinturas feitas por um grupo de italianos "internacionalistas", mostrando alguns momentos da história do povo nicaraguense: a civilização pré-colombiana, o camponês encarando as figuras ameaçadoras do conquistador, do gringo de óculos escuros e do ditador Somoza, a revolução sandinista, a Reforma Agrária, e assim por diante. Essas pinturas foram os primeiros sinais visíveis de engajamento político mais profundo do que os slogans neutros a favor da "paz" e da "liberdade". Em cima do altar estava uma fotografia do *Monsenhor* Oscar Romero, o Mártir da Libertação. Deu três horas, passou das três, mas a igreja continuava quase vazia, e os preparativos ainda estavam sendo ultimados sem nenhuma pressa aparente. Naquela manhã,

tínhamos presenciado a última parte da missa campal rezada pelo Arcebispo e assistida por cerca de 15 mil pessoas (segundo a imprensa local). Tinha sido tanto uma cerimônia religiosa quanto uma demonstração contra o governo, mas agora que tínhamos vindo aqui para ver os sandinistas fazerem suas orações, eles não apareciam.

Às quatro e quinze a missa finalmente começou, com quatro violonistas acompanhados por tambores tocando inflamadas canções revolucionárias num microfone. O som estava tão alto que era difícil saber se os fiéis também estavam cantando. Mas ainda havia pouca gente na igreja. A primeira hora foi preenchida por homilias sobre "As Sete Palavras da Cruz", proferidas por um padre colombiano que estava de visita. "Na Nicarágua — disse ele — respira-se o ar da liberdade, ao contrário da Colômbia, onde se tem sempre medo, onde se violam os direitos humanos a todo instante. Mas — continuou o padre — vocês devem vigiar a liderança revolucionária, para impedir que acabe enveredando pelos caminhos do autoritarismo e da arrogância." As homilias do padre foram longas e pouco eloqüentes; no fim de cada uma, soavam os violões, e as vozes cantavam suas canções revolucionárias. Pensávamos que continuaria a noite toda, pois havia uma homilia para cada Palavra da Cruz, mas felizmente não passou da terceira. Depois desta, a congregação também participou cantando "Venceremos", uma canção composta pelo grupo chileno Quilapayún para o governo de União Popular de Allende, e que evoca memórias tristes em algumas pessoas: quanto a mim, sempre me chamou a atenção a relação inversa entre a criatividade musical e o êxito político na cultura latina. Agora, a igreja já começara a encher, como se o povo do *barrio* tivesse sido avisado que a missa iria começar com homilias enfadonhas. O Padre Molina anunciou que ia sair para trocar sua batina marrom simples por uma alva e branca e uma estola vermelha. Saiu e voltou num minuto, foi até o final da nave central que levava ao altar e de lá começou a caminhar lentamente para frente. Diante do altar, sacudiu os pés para tirar as sandálias e, descalço, prostrou-se totalmente diante da Cruz em que estava crucificado o Cristo policromático. Pareceu-nos que ficou deitado por um século, enquanto a congregação permanecia de pé, olhando des-

confiada: alguns mais curiosos chegaram a ir até o altar para ver de perto as esquisitices do seu Padre. Mas finalmente ele ficou de pé, e a missa prosseguiu. Houve leituras da Bíblia, intercaladas com canções entoadas nos ritmos inconfundíveis do engajamento revolucionário, que provêm da Guerra Civil Espanhola e foram desenvolvidos pela cantora chilena Violeta Parra e pelo grupo Quilapayún. Houve um longa série de orações dedicadas a vários grupos específicos, cada qual introduzida por um membro da congregação e pela entoação melodiosa e possante do Padre Molina. Rezaram pela Igreja e, em particular, por "esta Igreja Popular que estamos construindo", rezaram pelo Santo Padre, rezaram pelos ateus, e até rezaram pelos judeus — assim, tanto meu amigo uruguaio como eu sentimo-nos incluídos, embora não precisamente da maneira que teríamos escolhido ou desejado, e muito menos esperado. Quando chegaram aos ateus, falaram dos revolucionários na liderança sandinista, que talvez fossem ateus mas estavam fazendo a obra de Deus, e que fizeram a "opção pelos pobres". O Padre Molina tem as suas *viejitas*, como as tem o *Monsenor*, mas aqui estavam dizendo coisas muito inesperadas — pelo menos aos nossos ouvidos. Havíamos presenciado os comentários das velhinhas que saíam da missa do *Monsenor* de manhã: "É óbvio que os sandinistas não vão reconhecer que houve tanta gente aqui. . ." Nessas conversas, a luta revolucionária pelo poder fora rotinizada, transformada numa brigada cotidiana de vizinhos ou numa rivalidade tribal. E assim foi para as pessoas que respondiam quando o Padre Molina chamava alguém para introduzir cada oração a partir do altar: várias velhinhas, que pareciam ter-se preparado para a ocasião junto com o Padre, iam até o microfone e diziam coisas extraordinárias: "Quem poderia negar que há um Deus quando se vêem os hospitais que estão sendo construídos. . ."; "não foi culpa do Santo Padre, ele veio com boas intenções, foi culpa do *Monsenor* que estava *hacienão los de Judas*, e ficou de olho nele o tempo todo enquanto falava. . . Senhor, perdoai o *Monsenor*, pois não sabe o que faz. . ." Nesse momento comecei a me perguntar se não estava sonhando. Mas o ponto alto da missa foi quando Uriel Molina leu a passagem do Evangelho de São João que descreve a Paixão de Jesus e a Crucificação. Nessa hora a igreja já estava

lotada, com cerca de 300 a 400 pessoas. E estava anoitecendo, Uriel Molina usou toda a força de sua voz, gritando alto os protestos dos sacerdotes hebraicos saboreando o dramático da estória. Não era mito, era alegoria: Jesus, o líder revolucionário, crucificado por insistência da *burguesia vendepatria*, os burgueses que estavam dispostos a vender tudo ao imperialismo a fim de salvar a própria pele e os lucros — contra a vontade até de Pôncio Pilatos, o Embaixador vacilante dos gringos: "Nós somos os verdadeiros romanos", diziam eles. . . Pouco depois, o Padre fez uma oração pelos judeus, muitos dos quais, disse, optaram pelo lado dos ricos sob a bandeira da ideologia sionista, perpetraram massacres em Beirute e estão enfiando suas garras na América Central, na Guatemala e na Costa Rica.⁵ Embora eu simpatizasse com muito daquilo que o Padre dizia, isto me fez perceber que até mesmo a Igreja Popular carrega em seu bojo alguns lamentáveis preconceitos, nem sempre oriundos de sua tradição religiosa.

Não é absolutamente de estranhar que o país que mais perturba o Papa é aquele onde os católicos se envolveram de modo mais intenso na busca de transformações sociais por maior igualdade, justiça social e independência nacional. Somente os ingênuos ficariam surpresos diante do contraste entre as atitudes do Papa na Nicarágua e na Polônia. Na Nicarágua, a Igreja é o cadinho ideológico e político onde será decidido, num grau significativo, o destino da revolução; a própria Nicarágua talvez seja vista por historiadores futuros como representando uma virada crucial na história da Igreja, mesmo quando o país tiver caído de novo no esquecimento de onde saiu apenas recentemente. Se a Igreja Popular puder proteger a revolução das tendências centralizadoras e autoritárias que estão evidentemente presentes, e que a CIA está obviamente estimulando, terá então merecido a gratidão de um vasto rebanho de socialistas vacilantes — aqueles que, antes da Revolução, proclamavam as suas virtudes, mas depois dela lamentam os seus desastres.

Evidentemente, há uma outra visão, bem menos apocalíptica. Em Manágua disseram-me que a burocracia do Vaticano ficou constrangida com os discursos do Papa, e que o Cardeal Casaroh, o

Secretário de Estado, chegou até a mandar recados particulares aos jesuítas, pedindo desculpas pelas declarações do Papa. Verdadeira, falsa, ou — como é mais provável — uma meia-verdade, a estória leva-nos a perguntar se a Igreja Popular realmente representa a ameaça à autoridade episcopal vislumbrada pelo Papa, ou se não ficará claro, *sub specie aeternitatis*, que foi um mecanismo de adaptação através do qual a Igreja pós-Reforma (pós-Tridentina?) tornou-se a "Igreja pós-Vaticano II"? Não um complot, nem um plano cuidadosamente premeditado, mas apenas uma série de processos e lutas imbricados, com um resultado não inteiramente imprevisível. Pois a Igreja certamente encontra-se há bastante tempo às voltas com várias opções sérias e inevitáveis mas extremamente dolorosas, e foi mérito de João XXIII tê-las percebido. Tais opções não dizem respeito ao controle da natalidade nem à ordenação de mulheres, como insistem os observadores; essas são questões secundárias. Seguramente, o desafio principal é a reversão da expansão colonial que transformou uma Igreja européia em instituição multinacional, imprimindo nela as marcas indelévels da dominação imperialista, sobretudo na América Latina. A grande maioria dos católicos em todo o mundo está nos países pobres e semi-industrializados, cujos povos certamente herdarão, a longo prazo, alguma coisa, mesmo que não seja a terra. Mesmo durante a Conquista Espanhola, a obsessão da Igreja era converter, ganhar almas, e penetrar de modo simbólico na mente indígena. Não estaria ela agora comprometida com uma segunda Conquista, análoga à primeira, em que, vendo o triunfo, mais cedo ou mais tarde, do nacionalismo revolucionário, procuraria penetrar na linguagem e nos símbolos desse nacionalismo antes que fosse tarde demais? Algum dia, perguntaria meu amigo uruguaio, não estarão os padres da Igreja Popular numa posição muito mais vantajosa para combater o materialismo ateu do que o Arcebispo, confortavelmente instalado em meio aos *cocktails* e às suas *viejitas*?

⁵ É verdade que Israel vende armas e presumivelmente presta assistência militar à Guatemala e vendeu armas a Somália também.

David Lehmann é professor na Faculty of Economics and Política! Science, Cambridge University.

Novos Estudos Cebrap, São Paulo,
v. 2, 3, p. 8-15, nov. 83
